

Espectro da exclusão e da fome: *Vidas secas* no contexto do romance social brasileiro

Specters of exclusion and hunger: *Vidas secas* in the context of Brazilian social novels

*Valdemar Valente Junior**
Valdemar.valente@hotmail.com
Universidade Castelo Branco

RESUMO: Este artigo tem por objetivo desenvolver uma análise crítica acerca da exclusão social em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Diante disso, enfocamos um recorte específico, a saber: qual a representatividade desse romance enquanto um dos pontos mais elevados do que se convencionou chamar de segunda geração modernista. Por sua vez, buscamos relacionar o contexto social do Nordeste brasileiro, marcado pela escassez de bens, em decorrência de longas estiagens, com a economia lexical que resulta em exemplo claro da concisão do que nesta obra se configura como seu elemento de maior significado. Por esse meio, há que se refletir: acerca do aproveitamento das conquistas estéticas do Modernismo que amadurecem; acerca de uma narrativa que passa a questionar o lugar do homem no âmbito de uma sociedade que busca superar a situação de atraso secular servindo-se na literatura como tema social e tomada de consciência crítica acerca do dilema brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Exclusão. Crítica Social. Subdesenvolvimento. Nordeste Brasileiro.

ABSTRACT: This article aims to develop a critical analysis of the social exclusion in *Vidas secas*, by Graciliano Ramos. In this vein, we specifically focus on the representativeness of the novel as one of the best examples of what we conventionally call the second modernism generation. In turn, we seek to relate the social context of the Brazilian Northeast, marked by the scarcity of goods, due to long droughts, with the lexical economy that results in a clear example of the conciseness of what is configured as the novel's element of greatest significance. Thus, we must reflect on the use of the aesthetic achievements of Modernism that have matured, and on a narrative that begins to question the place of man within a society that seeks to overcome the secular backwardness, using literature as a social theme and critical awareness about the Brazilian dilemma.

KEYWORDS: Narrative. Exclusion. Social Criticism. Underdevelopment. Brazilian Northeast.

* Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre e Doutor em Ciência da Literatura pela mesma instituição. Realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2014.

Introdução

A aparição de *Vidas secas*, em 1938, concorre para que a crítica social, em vista da urgência que a narrativa brasileira assume em trazer ao debate a desigualdade que afeta o Nordeste, desenvolva aspectos de concisão textual que discrepam do denunciamento explícito e esteticamente descuidado de alguns dos demais romances que têm lugar nesse período. O salto que se verifica no que tange à passagem da primeira para a segunda fase modernista corresponde à necessidade de o momento seguinte dar continuidade às conquistas formais do primeiro, acrescentando-lhe um viés de observação social que coincide com a expectativa decorrente da revolução burguesa que determina outros rumos à criação literária. Há que se pensar a respeito da primeira fase modernista tendo como referência obras como *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Macunaíma*, a partir da visão acerca de quem de fato pode vir a representar um registro de afirmação de uma brasilidade a ser reconhecida. Nesse sentido, tanto Oswald de Andrade quanto Mário de Andrade ainda recorrem a indagações acerca de quem somos, cogitando diferentes possibilidades de fixação de uma abordagem que lhes defina uma posição. Por sua vez, Graciliano Ramos atua a partir do que lhe parece definido, nos termos de uma narrativa que aprofunda o olhar a respeito do homem, em vista da crise econômica que se agudiza, ao lhe definir um lugar e um papel social.

O desvio do foco de atenção tanto das idas e vindas de João Miramar, da Europa ao Brasil, quanto o périplo de Macunaíma, da mata virgem à metrópole, assume uma outra representação, na medida em que retira da escrita literária o interesse por temas que se afirmam na busca pela configuração de um proletariado que ainda não se fizera definir com a devida clareza, mesmo em face da tentativa que já se explicitara em *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*, na ocasião em que Antônio de Alcântara Machado especifica um recorte acerca da confirmação de uma comunidade ítalo-paulista que se efetiva em torno do crescimento industrial de São Paulo. No entanto, a crise mundial que decreta a falência do mercado de ações norte-americano exige um esforço colossal dos países periféricos, de economia dependente, suscitando uma mudança no encaminhamento de questões que se fazem prementes, dependendo disso a continuidade de ações de condição inadiável. No caso brasileiro, a produção literária assume a responsabilidade de trazer à luz de

debate a tentativa de situar dentro de um quadro possível as figuras do camponês e do proletário, promovendo-os à condição de personagens que tematizam seus respectivos lugares de pertencimento, enfocando a luta de classes como tomada de posição diante das transformações que se fazem presentes em seus respectivos contextos.

O romance social, portanto, cumpre a função de revelar ao público leitor, a partir de uma classe média que nesse momento se consolida, um conceito de classe social que parece soar como novidade, uma vez que ainda não se confirmara essa tradição entre os setores médios na sociedade brasileira. Assim, a tomada de consciência acerca dos descaminhos inerentes à situação da classe trabalhadora, em face do descompasso representado pela inadequação da relação entre trabalho e capital, assoma o discurso narrativo como expressão de uma vontade coletiva da qual os escritores se fazem porta-vozes. Fica claro, no entanto, que nem todos os segmentos da produção narrativa brasileira assumem, na segunda fase modernista, uma posição de declarada relação com as causas sociais, havendo, do mesmo modo, escritores vinculados aos setores mais conservadores da direita católica, o que se reflete em suas obras, dando o tom de uma polaridade que traduz o conflito ideológico desse tempo. Daí o olhar que recai sobre o Nordeste encontrar referência em obras fundamentais como *O quinze*, de Raquel de Queirós, ou *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, mas sobretudo em *Vidas secas*, que alia à secura do clima e à aridez da terra o estilo coeso de Graciliano Ramos, o que se expressa como termo que alia o tema proposto à forma através da qual se explicita o discurso literário em sua configuração de originalidade.

Assim, o lugar de *Vidas secas* corresponde à tomada de consciência acerca do atraso do país, ao promover o reconhecimento da situação de seu povo. A trajetória dos excluídos rumo aos espaços de negação que, no plano da narrativa, se constitui em realidade, dá conta de uma confirmação mimética que tende a configurar-se como termo essencial. Por isso, a realidade da seca e do latifúndio se constitui em elemento capaz de conferir à narrativa a possibilidade de desencadear um processo de conscientização a partir de um público distanciado do cenário de ação onde se desenrola a trama ficcional. Daí o índice de ficcionalidade, relativo à distinção do que respectivamente representam realidade e verossimilhança, assumir um lugar pouco favorável, na medida em que o teor de realidade de que se nutre o romance busca agravar o quadro decorrente da seca e da fome como situação

extrema. Por sua vez, as tintas fortes de que Graciliano Ramos se utiliza estabelecem um plano de visualidade que segue um caminho próprio, não havendo como se personificar no espaço da exclusão a figura do autor como porta-voz de um discurso ideológico que se sobreponha ao sentido estético da obra.

Desse modo, *Vidas secas* se impõe a partir de uma argumentação que a situa como elemento integrante de um projeto de tomada de consciência dos dilemas do homem brasileiro, sem que a isso corresponda a propaganda partidária referente à narrativa de quem lança mão de suas obras como parte do processo revolucionário. A Graciliano Ramos não toca servir-se de sua obra como um panfleto acerca da crise social que atinge o Nordeste. O elemento trágico que em *Vidas secas* se faz presente concorre para que haja a possibilidade de a obra caminhar por si mesma, sem que a ela se anteponha qualquer adjutório. Nesse sentido, o estreitamento da relação que a obra efetiva com a terra desolada que lhe serve de cenário mostra-se suficiente para expressar um universo de injustiças, isentando a posição ideológica de seu autor do papel de se manifestar. A representação de um espaço inerente à exclusão em seu sentido absoluto aprofunda a relação entre a obra e o meio. Assim, conta da singularidade que lhe serve como referência estética, *Vidas secas* destaca-se no contexto narrativo de seu tempo.

O lugar de *Vidas secas*, em sua relação com as obras que abordam o tema da fome e da exclusão, corresponde à capacidade de adensar ao fenômeno narrativo a observação de um determinado contexto, a partir do caráter mimético do que se aprofunda, conferindo à ficção um sentido de realidade. O espaço específico da terra diz respeito à identificação da tragédia e da ausência de perspectivas capazes de remover a família de retirantes dessa condição. Em vista disso, *Vidas secas* não acena para a possibilidade da superação dessa situação. Para tanto, concorre à confirmação de uma tendência que se apresenta na obra de Graciliano Ramos como manifestação única, uma vez que a forma concisa de que se utiliza, aliada ao distanciamento de quem, em nenhum momento, invade o processo diegético, fazem de *Vidas secas* um exemplo máximo de fidelidade da escrita à realidade social que a ela se apresenta como tema. Disso decorre o fato de que à escassez de palavras da família de retirantes acrescenta-se a economia inerente à coesão de uma obra que expressa apenas o necessário à sua configuração de texto literário.

1 A aridez da escrita e da terra

A situação continental do Brasil, a partir do gigantismo que lhe confere condição singular, concorre para que se efetive, em *Vidas secas*, um olhar que se estende, na medida em que a dimensão humana se minimiza diante do que a vastidão da terra representa. O aspecto desolador da terra atingida pela seca integra-se à penúria da família cujo percurso se presta à supressão dos instintos básicos da sobrevivência. Diante disso, as marcas de alteridade que separam a opulência da miséria se efetivam no âmbito da linguagem, a partir de um distanciamento crítico que atua como conceito essencial do que Graciliano Ramos impõe à narrativa. Assim, ao meio físico acrescenta-se uma paisagem interior que se configura na própria razão de ser da narrativa. Os apelos que poderiam funcionar como material literário de teor naturalista se associam à dimensão de um cenário que dialoga como a interioridade que concebe a crise e justifica o romance como concepção de realidade. O lugar do homem no território da exclusão colabora para que o percurso da família de retirantes não possua qualquer perspectiva de conformidade com relação ao meio.

A ausência de condições ao exercício da cidadania atinge a família de retirantes em vista de uma situação que foge ao desejo de superá-la. Desse modo, o meio interfere sobre essas vidas, na medida em que não se faz possível qualquer intervenção, cabendo apenas seguir em frente, tentando superar uma situação extrema de necessidades que não possuem solução. Desse modo, a sobrevivência, em vista de condições mínimas, mostra-se como única via por onde a narrativa impõe seu percurso, uma vez que a essa investida corresponde o sentido de uma narrativa que tem por base a escassez de bens de toda ordem. A dimensão crítica que a isso se acrescenta corresponde ao papel social da obra como termo responsável pelo aprofundamento da visão acerca da penúria que atinge os desprovidos de oportunidades diante das agruras provocadas pela seca. Nesse sentido, destacamos a observação de Luís Bueno: “É no impasse da representação do outro que encontraremos o sentido da estrutura global de *Vidas secas*” (2006, p. 659). Diante da destruição dos valores que dignificam a existência humana, a atitude de seguir o rumo da incerteza situa-se como resposta ao que não encontra justificativa.

As imagens que se apresentam no curso da narrativa aproximam *Vidas secas* da intenção que se configura na concisão de um discurso sem qualquer excesso, uma vez essa posição almeja a manutenção de uma proposta que vai do texto ao contexto sem alterar o padrão que baliza o sentido da obra. Por essa via, o discurso coloca em questão a desigualdade social como um estorvo à dignidade humana, mas sem emitir qualquer parecer que vincule a figura do escritor às implicações políticas que disso possam advir. *Vidas secas*, portanto, aponta para a precariedade de uma terra dominada pela ação dos latifundiários contra os pequenos proprietários sem que a isso se imponha qualquer tipo de campanha em favor de uma reforma agrária, o que não se apresenta na voz do escritor. Em vista do estilo de Graciliano Ramos, Álvaro Lins acrescenta sua valiosa observação:

Em admirável estilo de concisão, unidade entre as palavras e os seus sentidos, rígido ascetismo tanto na narração como nos diálogos, rápidos, exatos, precisos. Um mestre da arte de escrever, acrescento, sem nenhum medo de estar errando” (LINS, 2011, p. 136).

Assim, a escrita investe-se apenas dos meios de fazê-la funcionar por conta própria. Nesse aspecto, situa-se uma forma de expressão que lhe é implícita, fazendo-se porta-voz da denúncia por meio de códigos que a leva a narrar a partir de sua própria voz. Em vista disso, o escritor atua como um intermediário entre a diegese e a mimeses, eximindo-se de impor sua posição.

Disso decorre a proposição de um olhar que se amplia em direção à terra como se a isso se acrescentasse a falta de promessas que não têm a possibilidade de serem cumpridas. A condição referente ao modelo de exploração da terra concorre para que o homem que nela habita seja desqualificado em sua potencialidade, decaindo à condição de empregado do latifúndio, expropriado do que por direito lhe pertence. O êxodo que se verifica aponta para a falta de perspectivas de que se nutre a narrativa para indicar o fim da linha para uma população vitimada pela divisão desigual dos bens da terra. Para Alfredo Bosi, em *Vidas secas*, “O narrador que, na aparência gramatical de terceira pessoa, sumiu por trás das criaturas, na verdade apenas deslocou ‘o fatum’ do *eu* para a natureza e para o latifúndio, segunda natureza do Agreste” (1994, p. 404). Sobre esses elementos incidem as formas decorrentes de um processo pré-capitalista que em nada concorre para que a população atingida pela seca consiga superar sua condição de

classe, condenada pela incúria de uma estrutura fundiária que parece não ter limites. A esse retrato social acrescenta-se o aspecto verossímil da narrativa como adendo à condição de desigualdade. Essa condição, no âmbito do que propõe o romance, atende às exigências estéticas do que Graciliano Ramos conceitua como medida que permeia sua produção ficcional.

A proposta de uma narrativa que se faz representar no imaginário do leitor distanciado de seu cenário de ação configura-se na posição de onde observa o espaço da crise social. Essa posição reforça a evidência de uma escrita que constrói seu próprio método, entendendo-se ao restante da obra de Graciliano Ramos como representação específica, inerente a um conceito estético que destaca a forma literária das pressões que solicitam sua intervenção como discurso político. Diante disso, Luciana Stegagno-Picchio apresenta sua análise: “Graciliano Ramos é seco, enxuto, essencializado, machadiano na construção geométrica da narrativa e do período, na escolha do vocábulo, na rejeição ao adjetivo qualificativo” (2004, p. 531). Daí o assunto narrativo, inerente ao olhar sobre os aspectos da miséria, encontrar em *Vidas secas* a possibilidade de um exercício de linguagem como termo que lhe confere uma posição de destaque no que se refere à adequação do conteúdo à forma. Por sua vez, a concisão dessa escrita em nenhum momento abre mão dos recursos que lhe reiteram o imaginário de que o autor se utiliza.

As marcas de distinção que se impõem, diante do processo narrativo, concorrem para que *Vidas secas* assumam a condição de obra que configura seu próprio código, em vista dos elementos que referenciam a escrita de Graciliano Ramos como uma espécie de patente. Esse estágio da escrita concorre para situá-lo como figura de relevo, uma vez que a estrutura narrativa de que se serve alia-se à demanda de um tempo de afirmação de temas que passam a compor a produção ficcional aproximando-a da realidade social. A composição de um romance cujos capítulos podem ser lidos de forma independente, como se fossem contos, consigna uma preocupação estética que se alia às expressões mais avançadas da narrativa moderna, concorrendo ainda para compor, em partes separadas, um romance que tem como prerrogativa a coesão formal que se alia ao conteúdo social. A caracterização de um espaço inadequado à sobrevivência confere a *Vidas secas* a condição de narrativa que se aproveita dos elementos que lhes são possíveis para dar conta do fluxo textual que lhe caracteriza.

2 O homem de partida e sem rumo

A saga da família de retirantes confirma-se em *Vidas secas* como continuação de um percurso que se mostra como único meio de expor a realidade social do Nordeste diante do processo de reconhecimento do país em sua condição de atraso. Há que se pensar na situação brasileira a partir do que *Vidas secas* possa suscitar como um retrato da injustiça que encontra um significado específico nessa obra. Daí o flagelo da seca e a exploração da terra referendarem um quadro muito mais abrangente, no que se refere ao contexto que vitimiza, do mesmo modo, as populações urbanas. No entanto, a partir de como se efetiva o estilo da narrativa, *Vidas secas* coloca-se no centro de um debate acerca de questões que têm lugar na década de 1930 como ponto nevrálgico do que se consigna como tema de valor inquestionável. Desse modo, não existe outra obra que cumpra com tanta fidelidade o papel de trazer ao leitor do Sul-Sudeste a realidade da seca no Nordeste como discussão de um dos pontos cruciais da crise brasileira.

A paisagem marcada pela aridez do solo confirma-se na morte dos animais e da vegetação como extensão à resistência humana em sua luta pela permanência na terra. Em vista disso, ficar e partir são etapas do mesmo percurso, uma vez que a distância da viagem concorre para que se tenha a dimensão de uma caminhada rumo a lugar nenhum. O horizonte que se perde diante do olhar serve de hipérbole à condição da terra como se não fosse possível sair do lugar. Do mesmo modo, a miséria incide na ordem de um pensamento que se coloca no plano da inviabilidade de se poder superar as consequências do clima que castiga e mata. A esse respeito, Antonio Candido nos acrescenta sua análise:

Em *Vidas secas*, não vemos a sociedade do alto, nos seus planos e nas suas linhas de movimento coletivo, mas a surpreendemos na repercussão profunda dos seus problemas, através das vidas humanas que vão passando, a braços com a miséria...” (CANDIDO, 1992, p. 105).

Nesse aspecto reside o cerne da questão, no que se refere à seca, a partir da omissão das autoridades, no que tange à realização de obras sociais capazes de atenuar a fome e acabar com a divisão desigual dos recursos hídricos da região. Daí essas questões parecerem esvaziadas de um sentido de solução, uma vez que a

narrativa não aponta para o que possa advir como processo de transformação em favor dos que vivem no sertão nordestino.

O percurso de incertezas que se impõe à família de retirantes confirma-se a partir de um sertão que não possui meios de minimizar o drama que o afeta. Desse modo, verifica-se uma espécie de desorientação, mesmo que a isso se contraponha as tentativas de aproximação das formas de trabalho precarizadas, o que resulta na indignação de quem tem a situação familiar associada à carência decorrente de um modelo excludente. Assim, o que se apresenta como expressão da desigualdade se traduz na narrativa como uma forma de explicitar o discurso a partir de uma economia de termos com sentido de precariedade. Por esse meio, a narrativa corresponde a um absoluto índice de realidade, indicando a substituição do léxico que corresponde à mesma ausência, no plano do que se mostra incapaz de atender às demandas materiais da família de retirantes. Nesse sentido, a avaliação de Otto Maria Carpeaux mostra-se precisa: “É muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar-comum das frases feitas, a eloquência tendenciosa” (1976, p. 237). A partir do que se inclui no plano responsável pela sobrevivência mínima dos que são vitimados pela seca, a narrativa avança em direção ao sentido lacunar de existências condenadas pelo colapso total.

A dureza que se impõe à família de retirantes determina situações irreversíveis, apontando para um estado de coisas que conduz o homem a sua dispersão completa, no que tange ao que não tem como ser recuperado. Desse modo, *Vidas secas* indica uma via sem retorno, no que se refere ao lugar a ser percorrido por quem se vê tangido de sua própria terra sem que a isso corresponda qualquer compensação. Daí a situação adversa corresponder à ausência de um termo mediador que funcione como um termo de negociação capaz de contrabalançar os prejuízos acumulados. A tragédia que atinge a família de retirantes pode ser ampliada no sentido de potencializar o significado da miséria como resultado de um esquema sistemático de exclusão que beneficia as classes dominantes. Nesses termos, a abordagem de Hélio Pólvora apresenta-se bastante oportuna: “O realismo de 30 não se despegou da doutrina básica do naturalismo: a ideia de que o homem é condicionado por fatores externos que não domina fatores de natureza social, sociológica, atávica” (1975, p. 17). Assim, o prolongamento das estiagens sem que a isso se anteponha qualquer ação social tem como objetivo a

manutenção de um poder que garanta dividendos aos que exploram a força de trabalho na terra, no que se caracteriza como espécie de estatuto da seca.

Diante disso, a desigualdade se apresenta como retrato do Nordeste, assumindo uma feição definida a partir do que *Vidas secas* lhe confere como retrato. As informações contidas na narrativa exemplificam situações refratárias ao desejo humano de superar as adversidades. Assim, as peripécias da família de retirantes não servem como termo capaz de fazê-la desviar-se dos percalços que se impõem como marcas indeléveis. A crise social a que se refere não estabelece um paradeiro ao que se faz perceber como elemento improvável, não sendo colocado um termo à realidade que a narrativa encerra. Por esse meio, a vontade humana torna-se refém das ações que têm lugar com o domínio exercido pelos donos de terra que determina os rumos políticos da região como demonstração de força e poder. Por conta disso, cabe recorrer a uma observação de Alfredo Bosi: “Os tempos do lavrador e do vaqueiro são necessariamente mais largos, o que dá à sua angústia ou à sua esperança um andamento subjetivo mais arrastado e capaz de preencher o futuro com vagarosas fantasias” (1988, p. 11). A deterioração do tecido social atingido pela seca amplia-se na direção dos efeitos decorrentes do coronelismo, alterando as regras do que deveria vigor como configuração dos benefícios destinados às camadas pobres. *Vidas secas*, portanto, confirma-se enquanto roteiro da tragédia que tem lugar no Nordeste, indo da terra ao homem como situação sem paradeiro.

A partir de como o homem sobrevive às imposições do clima e da falta de políticas de divisão da terra, a saga da família de retirantes reitera a desigualdade como medida diante da qual não há como se contrapor qualquer remédio. Por conta disso, *Vidas secas* concorre para caracterizar o drama da seca sem que a isso se imponha a aplicação de medidas que não encontram um espaço possível. Além disso, a trajetória humana decorrente do êxodo que a terra lhe impõe faz com que isso represente um ponto de referência positivo. A caminhada sem rumo, condenada ao malogro desde seu início, confirma-se na impossibilidade de serem cumpridas as etapas de evolução que levariam o homem nordestino a desfrutar de uma condição plena de satisfação de suas necessidades essenciais. De forma contrária, a situação de penúria a que é condenado confirma um quadro generalizado do que se impõe como retrato da sociedade brasileira que se faz visível ao olhar da escrita literária. A exclusão como registro da crise que se aprofunda assume o espaço da narrativa,

tendo em *Vidas secas* um ponto elevado no que se refere à urgência de esclarecimento acerca de uma situação que não tem como ser superada.

3 Flagelo social e criação literária

A inadequação do capitalismo moderno à condição pré-capitalista do Nordeste dominado por coronéis e cangaceiros concorre para que os resultados de diferentes disputas pelo poder vitimize a população pobre, o que se configura no quadro social a que *Vidas secas* se atém. No entanto, isso não contempla o que possa denunciar a posição de Graciliano Ramos acerca de questões sociais como reforço à abordagem de que se serve. A luta por pertencimento acaba por condenar a família de retirantes a não se libertar do lugar a que parece condenada. Diante disso, não se pode fugir, uma vez que a narrativa se incumba de colocar a exclusão com que lida como matéria essencial. Daí ter efeito um projeto estético que se aproveita da precariedade que se impõe como tema imprescindível. O resultado dessa investida confere à narrativa a capacidade de aliar a seu princípio estético um teor social que se isenta de assumir uma posição crítica diante do que se sobrepõe ao mero panfleto revolucionário.

A resolução estética de que a narrativa se utiliza lhe confere o poder de proporcionar ao leitor um contato com a escrita em seu teor social, evidenciando uma articulação que aproxima esses termos de modo inseparável. Por essa via, a narrativa encontra seu próprio caminho, evidenciando os meios pelos quais sua proposta estética se faz portadora de uma concisão que lhe determina o sentido. Assim, a família de retirantes confere à narrativa uma marca que lhe determina a possibilidade de ampliar seu significado crítico sem alterar sua configuração estética. Nesse sentido, recorremos a Antonio Candido:

Graciliano Ramos leva ao máximo a sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência (CANDIDO, 1989, p. 161).

A dimensão social de *Vidas secas*, portanto, funciona como estímulo à indagação acerca da desigualdade como instrumento manipulado pelo poder no sentido de manter as rédeas do sistema. Alijada do processo de produção, a família

de retirantes mimetiza a exclusão como reflexo do que representa a concentração de bens em poder de grupos minoritários. Daí a dimensão estética da narrativa empenhar-se em seguir *pari passu* a dimensão social, em vista de um apelo que não se efetiva como propaganda ideológica, separando a participação política da dimensão de uma obra que se situa muito além desse lugar.

Assim, o êxodo da família de retirantes concorre como manifestação única da exclusão que se aprofunda, a partir da realidade de uma região duramente afetada pela seca que dizima animais e homens. A presença da natureza tem como reforço as formas da narrativa que se afirmam a partir do que lhe confirma como termo essencial. A isso Nelson Werneck Sodré nos acrescenta: “Trata-se de um livro da seca no qual não existe eloquência, não há imagens coruscantes, a luz não inunda os quadros, o artifício das palavras não encontra lugar” (2014, p. 173). Desse modo, a proposta de que Graciliano Ramos atende a uma demanda de distanciamento, delimitando polos opostos. Por esse meio, as andanças da família de retirantes resultam em quase nada, ratificando a inoperância de medidas que estão aquém do que efetivamente toca aos flagelados da seca como via de resolução de seus problemas mais graves. Daí a atenção dedicada à exclusão social não afetar o padrão imposto à narrativa. Nesse sentido, *Vidas secas* se faz representar por uma linguagem que abdica de recursos alegóricos em favor de uma estética que se afirma a partir da contenção que lhe serve de medida.

Os apelos de teor político que se impõem como temas da narrativa no transcurso da década de 1930 apresentam-se, em sua maioria, contaminados de ideologia, referendando o ponto de vista de seus autores. Diante disso, a participação política de determinados escritores traduz uma posição que reforça o lugar do militante como expressão da escrita literária, o que em nada contribui para qualquer desses lados. A isso, Antonio Candido acrescenta; “Nesse tipo de romance, o mais característico do período e frequentemente de tendência social, é marcante a preponderância do problema sobre o personagem” (1976, p. 123). O impasse se reveste de conotação crítica, na medida em que essa divisão estabelece valores distintos entre os que prezam o distanciamento em relação à obra e os que fazem dela um libelo contra o sistema opressor. A isso se contrapõe a posição de Graciliano Ramos como escritor que consegue impor à excelência de sua escrita uma condição superior pelo fato de tematizar o drama social, sem a isso acrescentar sua visão pessoal. A partir do que, lhe sugere uma posição de distanciamento: a

escrita funciona como um termo acessório à sua posição política, uma vez que ao homem se sobrepõe o escritor.

A aceitação da narrativa realista pelo público leitor concorre para que a isso se integre o desejo coletivo de mudança diante dos apelos de uma sociedade que busca sua inserção na produção industrial, mas ainda se encontra atrelada ao atraso que condena os mais pobres. A isso, Massaud Moisés acrescenta: “Cangaço, misticismo carismático, secas, código primitivo de honra, – eis aspectos contextuais do que arranca a ficção de Graciliano Ramos” (2000, p. 494). Do outro lado da questão, inserem-se os acenos do socialismo como proposta de transformação em contraponto ao modelo capitalista emparedado aos limites de um trabalhismo sob a tutela de um governo que o controla com punho de ferro, sem oferecer alternativas ao proletariado. Em vista dessa conjuntura, *Vidas secas* apresenta-se como possibilidade de aprofundamento da discussão acerca da crise, em vista de um enfoque a respeito do limite da exclusão, a partir do que atinge diretamente o Nordeste. Por sua vez, o subdesenvolvimento que penaliza essa região não se faz suficiente para que a narrativa abdique de seu rigor formal, confirmando-se como exemplo dos mais destacados no âmbito da criação literária desse período. A atitude política, portanto, não tem como se sobrepôr ao equilíbrio estético como elemento de extrema relevância, no que diz respeito ao projeto narrativo que Graciliano Ramos desenvolve.

A possibilidade de se extrair da crise social a matéria prima de uma obra aponta para a mudança que se efetiva no contexto da narrativa. A isso agrega-se a capacidade de Graciliano Ramos de delimitar um território de atuação que faz de sua condição de escritor um exercício crítico dos mais significativos. Além disso, *Vidas secas* eleva a criação literária a um patamar estético que a protege dos apelos de uma retórica social meramente decorativa. O lugar social que ocupa concorre *pari passu* com o equilíbrio estético que se constitui no mérito de Graciliano Ramos, na condição de escritor que preza a economia verbal de um estilo reconhecido ao longo do tempo. A este se coaduna a posição crítica do escritor que impõe à sua obra os passos percorridos no âmbito da crise social de que se faz um importante observador. A aproximação mimética que apresenta como parte da relação entre literatura e sociedade encontra, em *Vidas secas*, um elemento de integração que perdura ao longo do tempo.

Referências

- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Luiz. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Reflexo e realidade*. Rio de Janeiro: Fontana, 1976.
- LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 116. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2011. p. 127-155.
- PÓLVORA, Hélio. *Graciliano, Machado, Drummond e outros*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 22. ed. São Paulo: Martins, 1971.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *O pós-modernismo: José Lins do Rego e Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Recebido em 08/08/2018

Aceito em 01/12/2018

Publicado em 04/12/2018